

**CONSTRUINDO “DEVAGARZINHO”: A LINGUAGEM DOS DIMINUTIVOS  
COMO FORMA DE EVITAÇÃO DE CONFLITOS NAS RELAÇÕES SOCIAIS  
EM BAIROS DE PERIFERIA<sup>1</sup>**

**GEÍSA MATTOS DE ARAÚJO LIMA (PPGS/UFC-CE)**

**FRANCISCA MARCELA ANDRADE LUCENA (PPGA/UFF-RJ)<sup>2</sup>**

**RESUMO**

A partir de dois trabalhos etnográficos realizados em tempos diversos em dois bairros de periferia de Fortaleza, as autoras deste paper encontraram a frequência de usos de diminutivos na linguagem associada à evitação de conflitos e aos cuidados nas relações pessoais. Entendemos, como Wittgneistein (1984), que a linguagem é ação, portanto, buscamos compreender o que os diminutivos significam nos contextos da convivência em bairros marcados por diversos tipos de escassez e precariedade. No primeiro caso, o contexto era uma campanha eleitoral, em pesquisa realizada por Geísa Mattos no Conjunto Palmeiras, em 2004, na qual a autora encontra uma abundância no uso dos diminutivos nas referências de comerciantes que apoiavam candidatos: “se não tem paixão política, dê um votinho aqui...”. Estes mesmos comerciantes, considerados “bem sucedidos” frente às precariedades da vida no bairro, referiam-se aos seus bens sempre no diminutivo: “comerciozinho”, “casinha”, “mercantilzinho”. Já na pesquisa de Marcela Andrade, em 2013, a autora encontrou esta formulação linguística no contexto de um assentamento irregular, no caso a “comunidade Arco-Íris”, localizada no bairro

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2014, Natal/RN

<sup>2</sup> As autoras são respectivamente: professora Adjunto II e pesquisadora do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFC; mestranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFF.

Itaperi. Considerando que, “ocupar” o espaço é também produzi-lo por meio de significados efetivados pela linguagem, o que nos propomos aqui é mostrar como é construída, a partir da observação dos contextos de uso dos diminutivos pelos moradores, a sua própria dinâmica ao se fixarem nesse lugar e se conduzirem num espaço eminente de conflitos de todos os tipos, tomando como marca temporal a construção física da casa, referida como sendo construída “devagarzinho”, até fazer tudo “legalmentezinho”. Como, nas peculiaridades do discurso, podem-se revelar as práticas e táticas cotidianas?

**PALAVRAS-CHAVE: LINGUAGEM – CONFLITO - MORAL**

Em trabalhos etnográficos realizados em tempos diversos<sup>3</sup> em dois bairros de periferia de Fortaleza, marcados ambos pela baixa renda per capita dos seus moradores e por precariedades de moradia e de serviços básicos de diversos tipos<sup>4</sup>, encontramos uma larga frequência de usos de diminutivos na linguagem dos nossos interlocutores. O diminutivo era utilizado ora relacionado ao tempo – “devagarzinho” – ora aos aspectos materiais de suas propriedades pessoais aos quais se referiam em diversos contextos – “casinha”, “barraquinho”, “carrinho”, “coisinhas”. O que poderia passar despercebido à primeira vista, foi valorizado em nossa análise como formas reveladoras de valores morais implícitos nos modos de convívio social naqueles lugares.

Entendemos, como Fassin (2012, p.4), que uma antropologia da moral interessa-se pelo modo como questões morais são colocadas: “tem a ver com a criação de vocabulários morais, a circulação de valores morais, a produção de assuntos morais e a regulação da sociedade através de injunções morais do mundo”. Com atenção aos contextos de uso, os diminutivos nos dão pistas para compreender a existência de uma moralidade implícita pela qual se guia aqueles que os utilizam, buscando deste modo evitar conflitos sempre ameaçadores nas suas comunidades de vizinhança.

Este aparente “detalhe” linguístico, ao ser examinado com mais cuidado, revela certa lógica social que perpassa os discursos e ações. Entendemos, como Wittgenstein, em *Investigações Filosóficas* (1984), que a linguagem é ação, portanto, buscamos compreender o que os diminutivos significam nos contextos da convivência em bairros marcados por diversos tipos de escassez e precariedade e em situações nas quais a ameaça de conflitos está sempre presente.

No primeiro caso, o contexto era uma campanha eleitoral municipal, em que estava em jogo a disputa para vereador no Conjunto Palmeiras, pesquisa realizada por Geísa Mattos no *Conjunto Palmeiras* (2012)<sup>5</sup>, na qual a autora encontra uma abundância

---

<sup>3</sup> A pesquisa de Geísa Mattos foi realizada entre 1999 e 2004 para a tese de Doutorado em Sociologia da UFC e o de Marcela Andrade entre 2010 e 2013 para a sua monografia de graduação em Ciências Sociais (UFC, 2013).

<sup>4</sup> O Conjunto Palmeiras, bairro pesquisado por Geísa Mattos, tem renda per capita de R\$ 239, a pior entre os 119 bairros de Fortaleza, de acordo com pesquisa do IBGE de 2012. A ocupação Arco-íris, pesquisada por Marcela Andrade, localiza-se no bairro Itaperi, próxima ao conjunto habitacional Jana Barroso, e foi descrita pela autora em sua monografia (2013), como composta de “dispersos barracos de terra cobertos por grandes sacos plásticos pretos, tingindo de negro o descampado”. Ali moravam inicialmente 230 famílias, cerca de 950 pessoas.

<sup>5</sup> “A Favor da Comunidade: modos de viver a política no bairro”, originalmente tese de Doutorado em Sociologia pela UFC, foi defendida em 2004 e publicada com o mesmo título em livro pela editora Pontes (Campinas, SP) em 2012, como parte da coleção *Cultura e Política*.

no uso dos diminutivos nas referências de moradores que apoiavam um “candidato do bairro”. A situação de campanha eleitoral, por envolver disputas e conflitos, é interessante para se perceber como são acionados valores morais pelos quais os agentes buscam legitimar suas posições dentro de um certo “campo minado”<sup>6</sup>.

Wayne Tiago era candidato a vereador pela primeira vez pelo PMDB no ano 2000, tendo o Conjunto Palmeiras, seu lugar de moradia desde a infância, como seu território de campanha. Sem recursos materiais ou apoio político institucional, a sua candidatura era inteiramente apoiada por uma pequena rede social de vizinhos e amigos. Sua principal plataforma de campanha era ter sido apresentador da radio comunitária da Igreja Católica durante 15 anos, tarefa voluntária na qual teria ajudado diversas pessoas a encontrar documentos e a conseguir apoios para construção de casas ou empregos. Deficiente físico – ficara cego e tinha um severo desvio de coluna – Wayne fazia sua campanha caminhando pelas ruas com alto-falantes que alardeavam seu jingle de propaganda feito por amigos, sobre um carrinho de mão da construção civil empurrado por outro colega também deficiente (ele mancava de uma das pernas) e pelos sobrinhos, ainda crianças. Mesmo concorrendo com o que considerava “políticos profissionais”, foi o candidato mais bem votado quando se consideram somente os votos obtidos no bairro<sup>7</sup>, embora não tenha sido eleito.

Tentando compreender o sucesso desta candidatura aparentemente sem chances no “mercado do voto”, Geísa Mattos procurou alguns dos principais apoiadores da rede social que o favoreceu na campanha. Eles eram considerados os “ricos” do bairro - comerciantes, na sua maioria – e aparentavam ter as melhores condições de vida material, num lugar onde a maioria tem menos do que eles. Nas justificativas para o apoio ao candidato, Mattos se deparou com uma série de formulações que apelavam para certa valorização da humildade. Pensamos aqui os significados de humildade, tal como expressos no dicionário: “1. virtude que nos dá o sentimento de nossa fraqueza, 2. Modéstia, pobreza.3. Respeito, reverência, submissão” (FERREIRA, 1986)

Uma das vizinhas que contribuiu com recursos financeiros para a campanha, depois de revelar admiração pelo fato de Wayne “ser uma pessoa tão resolvida” mesmo

---

<sup>6</sup> Inspiramo-nos aqui nas análises de Moacir Palmeira e Beatriz Heredia sobre o “tempo da política” (1995) e na perspectiva da análise situacional de Van Velsen (1987 [2010])

<sup>7</sup> Wayne obteve 695 votos no bairro, contra 353 do segundo colocado, um advogado que atendia gratuitamente no bairro e era considerado “político profissional”. Considera-se aqui, para efeito desta comparação, as 22 urnas de votação existentes no Conjunto Palmeiras.

tendo perdido a visão, assim se expressava: “Ele merecia ter ganhado. Ele não ia se ausentar, ele não ia se orgulhar”.

O orgulho parece ser uma expressão de sentimento no qual o orgulhoso se eleva face aos demais e pode despertar inveja ou suspeita. Nas qualidades supostas no candidato por sua vizinha, há uma demanda de igualdade na relação, que previne contra a superioridade face a outrem: “não se ausentar” significa não deixar o lugar de origem, o lugar dos iguais. “Não se orgulhar” implica em não mostrar postura de superioridade ou indiferença, como se supõe que fazem os “políticos em geral”.

Outro apoiador do candidato, um comerciante, ao se referir ao modo como tinha participado da campanha, assim descreve: “Peguei meu carrinho e rodei o dia todinho levando pessoas pra votar e orientando, pedindo”. Ele se utiliza de vários diminutivos para se referir à ajuda que deu ao candidato – com o “carrinho”, fazendo a sua “partezinha”. Este jeito de falar aparece também quando o comerciante faz referência ao seu status social nos relacionamentos com os próximos, que ele diz procurar ajudar constantemente, a fim de se proteger como comerciante “que tem alguma coisinha” em um bairro onde a violência tem crescido a um nível quase insuportável. Explicando como faz para se proteger dos “marginais” que vinham atacando os comércios no Palmeiras, ele explica:

- Eu, como não posso fazer nada, eu tenho que criar essa harmoniazinha aqui da maneira que eu posso, mas vamos supor que eu cresça comercialmente e saiba dosar essa coisa no meio que eu vivo, eu acho que eu vou me protegendo...

- Interessante...

- Eu vou me protegendo, porque se eu crescer e me fechar eu acho que vai chegar a um ponto que não vou mais me sustentar. Tá crescendo ao meu redor. É que nem um câncer. Eu tenho essa visão. Do tamanho que eu vou desenvolvendo, eu vou também atacando no bom sentido, né, fazendo alguma coisa, às vezes até com o próprio gesto, não desprezando, às vezes tentando ser mais popular com as pessoas, às vezes tem uma pessoa que é um tremendo dum bandido dentro duma casa, mas a família é boa, a gente tem um bom relacionamento com a família, ele já...né? Aquele ali ele não ataca. Às vezes até protege.

A candidatura de Wayne Tiago exemplifica um tipo de igualdade demandada com o voto na qual o candidato escolhido é simplesmente alguém que se “conhece”, que *merece* ganhar por ser “pessoa humilde, sincera” e ter “prestado serviços à

comunidade”. Outro tipo de identificação possível é aquela proporcionada pela capacidade que o político já estabelecido tem de, mostrando-se igual, elevar o outro a uma condição de dignidade e status social normalmente não vivida no cotidiano por pessoas em situação de exclusão social.

Haveria uma demanda de comportamento moral expressa no momento eleitoral pela qual se buscaria reforçar tanto uma espécie de igualdade no cotidiano com as “pessoas da comunidade” quanto de viabilizar uma igualdade idealizada com alguém de *status* superior.

A demanda por igualdade como escudo protetor para evitar ser “rebaixado” pelo outro aparece nesta fala do comerciante Antônio sobre o seu apoio a Wayne Tiago como “candidato do bairro”:

Eu sou uma pessoa que eu apoio *gente de onde eu moro*. Ele pode ser — com licença da palavra — ‘lascado’, eu apoio *gente daqui, de fora não*. (...) Porque eu tenho interesse de melhorar o bairro em que eu moro (...). Eu tenho interesse em que esse bairro melhore. (...) Coisa que sendo uma pessoa *lá de cima*, um *vereador de fora*, eu vou procurar um vereador de fora pra ver se ele me atende? E na casa do Wayne, a qualquer hora que eu chegar, eu chego lá e sou recebido.

A referência aqui é explicitamente feita ao interesse de “melhorar o bairro”. Neste caso, ele deixa claro que o candidato pode ser de *status* social inferior ao dele, um “lascado”, conforme sua expressão, desde que seja “gente de onde ele mora”, daí se igualar a ele. Ele diz mais adiante considerar Wayne uma “pessoa simples” (“eu gosto das pessoas simples”), por isso poderia procurá-lo sem cerimônia e ter certeza de que seria recebido. Ao contrário do que aconteceria se procurasse uma “pessoa *lá de cima*” — note-se a expressão que denota posição superior na hierarquia social —, um “vereador *de fora*” que poderia lhe tratar com desprezo ou ignorá-lo. Veja-se que a ameaça aqui colocada é a de ser posto em situação de inferioridade em relação ao outro, o “político”.

### **Pessoas simples, humildes**

A ideia da “boa pessoa”, em política, é herdeira da centralidade que ocupa no cotidiano nas relações entre pessoas que se conhecem e constituem uma *comunidade*, tal como Bailey (1971) emprega a noção. *Comunidade*, do ponto de vista analítico empregado por este autor, é qualquer espaço socialmente habitado, que pode ser o de uma igreja, um local de trabalho ou mesmo um bar onde todos se conhecem, onde existe um fundo de conhecimento em comum sobre todos os membros, com o qual as pessoas interagem umas com outras. A reputação de cada um, neste nível de sociabilidade, é um dos fatores com os quais as pessoas se orientam em relação às outras. O julgamento da reputação de alguém como “boa pessoa” é tomado levando em conta uma série de valores e categorias com as quais a *comunidade* nomeia o mundo social (BAILEY, 1971, p. 4-8).

Um valor na *comunidade* de vizinhos do Palmeiras é a “humildade”, percebida como atributo que torna alguém bem visto socialmente. Um candidato com esta característica é também digno de *merecer o voto*. A humildade é valorizada socialmente porque ela é o oposto de um comportamento “orgulhoso” ou que pareça “superior” aos demais e, neste sentido, é referida tanto por vizinhos, ao falarem de suas relações entre si, quanto por eles enquanto eleitores, ao julgarem os candidatos. Os próprios candidatos também se dizem “merecedores” do voto dos eleitores por se manterem “humildes”. É o caso de um vereador, que assim justificava como conseguiu ser eleito numa segunda candidatura: “Aí acreditei, aquelas pessoas também tinham *consideração* por mim (...) e, com meu *esforço*, com minha *determinação*, com minha *humildade*, eu consegui vitória em 96”.

O valor da *humildade* para a sociabilidade local também foi manifesto, sobretudo, em conversas que mantive com dois comerciantes do bairro incluídos na lista que Wayne me forneceu de seus principais colaboradores de campanha. Ambos avaliavam sua contribuição à campanha de forma modesta e discreta, mas a ajuda foi efetivamente valorizada pelo candidato por serem considerados “pessoas de prestígio” no bairro. Seu Antônio ofereceu-se para circular com Wayne em seu carro pelo bairro às vésperas da eleição, fazendo-o de “carro de som”; seu amigo Farias contribuiu com o combustível, apesar de apoiar oficialmente outro candidato.

De fato, os comerciantes são considerados pessoas bem sucedidas por sua habilidade em ir driblando as dificuldades da convivência com a freguesia para

sobreviver de seus pequenos comércios. Neste campo minado, eles precisam ser cuidadosos ao falarem de seus progressos. Uma forma de linguagem que reflete este cuidado é a abundância de diminutivos utilizada pelos comerciantes para se referirem aos seus bens: “eu tinha uma casinha (...)”, “um comerciozinho”, “quando eu melhorei um pouquinho (...)”.

O perigo de demonstrar sinais de enriquecimento não é apenas ficar sujeito à ação dos bandidos, mas também infringir o *valor da humildade*, de *mostrar-se um igual*.<sup>8</sup> O problema é revelado pelo comerciante Farias. Ele anda pelo bairro hoje com sua possante caminhonete, mas nem sempre foi assim. Farias conta que chegou a passar fome logo que veio morar no Palmeiras. Para se instalar como dono de padaria, teve a ajuda de um cunhado, que entrou no negócio como sócio, e de Seu Antônio. “Comecei aqui do zero. Aí fui conseguindo, montando *devagarinho* até que consegui estabilizar um pouco”, conta. Hoje, Farias também é dono de um “*mercantilzinho*”. O diminutivo, quando referido ao tempo, é outro modo cuidadoso, bastante utilizado pelos moradores, para falar de suas conquistas pessoais. *Devagarinho* se opõe à pressa, sinônimo de arrogância, de “passar por cima dos outros”. Humildade é equacionada com um tempo lento, devagar, suave, que não represente ameaça ao outro.

Ao demonstrar que melhorou de vida, Farias estaria contrariando a “lei da humildade”, que ele mesmo admite considerar a máxima do bom relacionamento social e do sucesso comercial. Revela o preço que pagou por demonstrar que melhorou de vida, pois, segundo ele, os vizinhos comentam: “Rapaz, esse bicho só quer ser isso e aquilo outro. Chegou aqui não tinha nada, hoje já anda num carrão desse... Mal sabe ele que isso aí dando uma virada, virava ele num minuto”. Para Farias, o problema é que depois que passou a “conseguir algumas besteirinhas, o pessoal cresceu os olhos. Aí tem revolta”. Para evitar sanções sociais deste tipo, que podem ir da fofoca à agressão psicológica e à violência,<sup>9</sup> o comerciante procura mostrar humildade, característica da “pessoa simples”:

---

<sup>8</sup> Para pensar a questão dos perigos de demonstrar sinais de enriquecimento na comunidade, fui inspirada pela leitura de Foster (1967, p. 300-321).

<sup>9</sup> As sanções socialmente aplicadas a quem demonstra sinais de enriquecimento em uma comunidade pobre — como fofocas e agressões psicológicas — também foram observadas por Foster (1967), em seu estudo sobre orientações cognitivas e padrões de comportamento socialmente aceitos, realizado em Tzintzuntzan, comunidade rural no México. As análises de Foster a respeito do que interpreta como regra, entretanto, são realizadas dentro de outro modelo interpretativo.



Eu tenho uma *boa amizade* aqui, graças a Deus, sou *bem quisto* no bairro. (...) [*quando*] chega um cliente, procuro *tratar bem*. (...) Eu *sempre fui humilde*. Sou um cara de *família pobre, até fome já cheguei a passar* com minha esposa e uma filhinha. (...) Eu mesmo sem ter condições eu não consigo ver uma pessoa passando fome e não ajudar. (...) Às vezes até fico irritado porque fica vindo um atrás do outro, mas quase todos que vem *eu procuro dar pra poder agradar*. Porque eu vejo que aquilo ali se ajuda, ajuda um pobre, empresta a Deus, né?

Neste depoimento, Farias justificava as condições para o seu merecimento enquanto comerciante bem sucedido: as boas amizades que ele dizia ter eram decorrentes do modo como “trata bem” as pessoas. Ele se diz “humilde” porque já foi pobre e passou fome — *sofrimento* que lhe garante também o *merecimento*. Consegue ser “bem quisto no bairro”, como diz, porque está sempre ajudando “pra poder agradar”, ou seja, criando a “harmoniazinha” a que se refere Seu Antônio. Mas a ajuda implica numa expectativa de retorno, ainda que por via sobrenatural, expressa no dito popular: “Quem dá a um pobre, *empresta* a Deus”.

### **“Devagarzinho”, “legalmentezinho”**

Outro lócus empírico onde a linguagem dos diminutivos apareceu como relevante, foi a Comunidade Arco-Íris, também localizada em Fortaleza, que foi campo da pesquisa de Marcela Andrade (2013). Esta se inscreve no que se conhece por “urbanização por expansão da periferia”, fazendo parte, dessa maneira, de um tipo de urbanização que se desenvolveu através da exclusão das ofertas de solo urbanizados, centrando-se nas abas e “franjas da cidade legal”. (TELLES, 2006).

Tanto quanto uma campanha eleitoral, porém de outros modos, a situação de ocupação também é iminentemente conflituosa. A ocupação que teve seu início em 2009, se alojou em parte do terreno público destinado ao conjunto Jana Barroso, um conjunto habitacional de interesse social próximo. Aquela não difere, por outro lado, das dificuldades da fixação em uma certa localidade.

Situar essa comunidade numa indistinta zona de legal e ilegal, como aponta Vera Telles, é relembrar que, desde seu início, pedaços do terreno foram negociados para os

diversos fins, em transações que envolviam os mais diversos atores com seus próprios interesses. Isso remetia os moradores à insegurança e à irregularidade da terra, lembrada pelas potenciais ameaças que sondam dos primórdios da ocupação, a instabilidade vivida nas ocupações, o que produz um certo tipo de “nomadismo”,- característicos da instabilidade da contemporaneidade, da liquidez dos tempos modernos instáveis (BAUMAN, 2001) no contexto do “fenômeno urbano” (VELHO, 1979).

Como alguns interlocutores diziam: “os homens vieram aqui e derrubaram já três vezes.” Os homens a quem os moradores se referiam eram basicamente a polícia, que havia realizado uma ação para derrubar os casebres. Hoje a comunidade está mais consolidada e nela há diversas casas construídas. Os papelões, sacos e outros materiais mais baratos que antes marcavam o terreno na ocupação foram substituídos em sua maioria por construções com tijolos, portões de ferro, e algumas construções que dispõem de espaços para garagem.

Tomando a vivência de campo como instrumento para esse trabalho, nos aproximamos de Agier quando este diz, ao definir “cidade bis”, que a cidade para o antropólogo faz-se “através das práticas, relações e representações dos cidadãos que ele observa diretamente em situação” (AGIER, 2011). Assim, através das cenas cotidianas, das relações observadas em campo, colocamos questões que foram muitas vezes frutos de nossas observações, das conversas informais, e do convívio com nossos interlocutores. Uma das questões que nos chamaram a atenção era referente à linguagem dos diminutivos. É o que percebemos nesta passagem onde a interlocutora, Gabriela, uma das primeiras moradores da Comunidade, uma moça com seus vinte anos, conta sua versão dos primórdios da ocupação.

MARCELA: E ai, como era no comecinho aqui?

GABRIELA: As coisa aqui era muito difícil, porque não tinha água, não tinha luz né, ai a gente morava num barraco de taipa né, que não tinha muita segurança mesmo, ai depois *devagarzinho* que a gente fomos fazendo nosso *barracozinho*, *legalmentezinho* mesmo, que dava para se morar dentro mesmo, entendeu?

MARCELA: E ai, você pode assim, falar, porque quando tu chegou aqui tinha pouca gente, não era? E ai, assim, como uma história, como foi crescendo aqui? Na tua percepção, como foi?

GABRIELA: Um *barraquinho* aqui, um ali, distante, mas *devagarzinho* foi, duplicando né? Ai, muitas crianças, né, porque o mais importante de uma comunidade é a criança, se não tiver a gente não tem alegria, porque né, é a criança que faz a festa, então, graças a Deus, tá ótimo.

O parágrafo acima foi transcrito de uma das entrevistas com uma das interlocutoras, realizadas no primeiro semestre de 2013. O texto acima é emblemático e relata dos primeiros momentos de luta para permanência dos moradores da comunidade. Aqui, enfocaremos no discurso proferido pela interlocutora, - este visto como uma tática (CERTEAU,1998) frente as dificuldades apresentadas no decorrer do processo de permanência e fixação na comunidade.

A fala demonstra bem o cenário do início da “ocupação” e revela, por outro lado, facetas importantes através do coloquialismo utilizado. Ao enfatizar expressões como o “barraquinho” que se constrói “devagarzinho” a interlocutora traz o tom da sua própria conquista, equacionando tempo e conquista material. Por um lado, ressalta o tempo que foi despendido para autoconstrução de sua moradia (KOWARICK,1979.) e paralelamente, a evolução material que é evidenciada na utilização dos materiais para produção da casa.

Outro aspecto aí implícito, se olharmos o enquadramento (GOFFMAN,1975) que está situada essa fala e essa interlocutora, é referente às dificuldades enfrentadas para romper os obstáculos da moradia e, da presença e estabelecimento em determinados novos lugares. Observar essa forma de construção, tanto da construção física da casa, experiência empírica transmitida via operações discursivas, é admiti-la como um destrinchar da situação vivida. Nesse caso, como um espelho refletindo uma forma de saber inserir-se em algum lugar, uma forma de aceitação nesse novo ambiente.

Utilizar-se de tal recurso é ver que, de certa forma, tal discurso reforça valores como o da humildade, de “uma pessoa boa” importante valor moral na vivência de uma comunidade, traduzindo numa forma de mostrar-se um “igual”, exaltando o valor da modéstia, expresso pelas diminutivos. Tais diminutivos são formas amenas de não romper frontalmente e de maneira direta com superiores, não ultrapassar as autoridades. Um jeitinho brasileiro, sagaz, no qual a “humildade é equacionada com um tempo lento, devagar, suave, que não representa ameaça ao outro”, (MATTOS, 2012) portanto uma qualidade no cotidiano repleto de dificuldade dos bairros de periferia.

Se por um lado, tal qualidade fica explicitada no discurso da interlocutora, percebe-se também, em seu reverso, o ponto de interiorização dessa maneira de falar, como se a própria história fosse revivida em tons sutis através da forma que certos aspectos são minimizados na narrativa, em contraste com a aspereza da situação vivida, das situações como remoções, confronto com polícia, o cotidiano difícil de falta de serviços básicos próximos, etc. Dando licença a literatura, como escreve Cortázar em seu livro *O Jogo da Amarelinha* “a linguagem quer dizer residência numa realidade, vivência numa realidade”.

Assim, como foi visto na comunidade Arco-Íris, em meados de 2009, os casebres de madeira ou madeirite, alguns com o desafiador objetivo de ficar em pé à custa de água e barro vermelho, despontavam aqui e acolá dentre uma crescida vegetação indomável, que é parte do terreno que foi ocupado. Esse era o cenário das primeiras “casinhas” que despontavam para o futuro, no qual o objetivo era consolidar o imóvel. O desafio, além de passar a “habitar” o terreno, seria também construir “nosso barracozinho, legalmentezinho mesmo”, o que, na linguagem, é revelador de um apelo dentro de um processo de legitimação moral na construção física da casa. Ele representa para os moradores a moradia “digna” e abre um precedente para uma forma “legal” de habitar.

MARCELA: Você chegou a colocar o barraco aqui?

DONA FRANCISCA: Colocamos o barraco, só uma *barraquinha* mesmo, feita de saco de açúcar, saco de açúcar, aí tivemos assim, botamos um papel, só pra entreter mesmo, mas eu não morava né, que a gente queria construir primeiro para depois vim morar né? Aí depois que a gente construímos, passemos um ano construindo, aí que eu fui morar, mas a barraca a gente tinha que fazer né?

MARCELA: Para marcar o terreno?

DONA FRANCISCA: É. Pra marcar o terreno, é.

MARCELA: E se vocês não tivessem marcado, você acha que tinham pegado um pedaço...?

DONA FRANCISCA: Pega. As pessoas pega, *invade* o terreno.

MARCELA: Mesmo com vocês já tendo pegado?

DONA FRANCISCA: É. Se não ficar todo dia olhando, sempre dentro, *pra mostrar que aquele terreno é seu né? Ai o pessoal invade, ai você perde né? Você não vai brigar com ninguém.*

Algumas expressões como “você não vai brigar com ninguém”, “eu moro aqui, mas não converso muito com ninguém não”, “sou calma,” ou então, “que eu não saio muito para aquele lado” ou ainda “eu não mexo com ninguém e ninguém, mexe comigo” denota, na linguagem, as táticas cotidianas de evitação de conflitos. Inspiradas nas considerações de Elias e Scotson (2000) quando de Winston Parva, há também na localidade de Arco-Íris a consideração por parte de alguns que a área em que moram é mais tranquila, e melhor de se viver dos que “os do lado de lá”, por exemplo quando moradores do lado leste se referem ao lado oeste, demonstrando assim, uma forma de evitar o contato, uma indiferença que pontua algo como o não contato como a “poluição”, “contaminação” (DOUGLAS, 1976) do outro. É importante perceber que essas apreensões delimitam as relações construídas de cada “lado”, onde mesmo no depoimento das mulheres, que geralmente falavam “eu não conheço muito o pessoal daqui, não saio muito de casa” faz com que a relação com os vizinhos desponham de uma forma mais regular e constituam o vínculo de amizade do local, por área.

É também uma forma de balizar conflitos e mostra-se parcimonioso com o meio. A despeito das inúmeras ameaças a que os moradores estão efetivamente submetidos na comunidade, a linguagem é reveladora dos códigos subentendidos que ali desempenham para as tentativas de bem viver, de grande importância para buscar assegurar uma boa vizinhança, e estes se encontram alicerçados por expressões fartamente ouvidas como as que foram citadas acima. Sendo assim, deixar explicitar no discurso tais formas é reconhecer que a própria iminência dos conflitos, naquele espaço, solicita código ético e morais próprios, e que estes não se dissociam do processo de fixação e permanência no terreno. Dessa maneira vê-se que “ocupar” o espaço é também produzi-lo por meio de significados efetivados pela linguagem

E no caso da comunidade Arco- Iris, a utilização da expressão “legalmentezinho” traz a questão de como tal ambiente é construído, não em consonância com padrões legais, ditados pelas regularizações urbanísticas e fundiárias, mas sim uma busca, uma justificação dentro dos meios oferecidos aos moradores, do que, na visão deles, o “legalmentezinho” seria o aceitável dentro de certos termos, ou o

mais próximo possível do que seria “legal”, o prescrito pelas regulações. Mostrando mais uma vez na absorção dessa maneira de falar, mimetizada no novo ambiente construído, o objetivo de evitação dos mais diversos problemas. O “legalmentezinho” da linguagem da ocupação não é o “legalizado” para os órgãos estatais, mas é nessa nova atribuição de sentidos, que a forma de ocupação se torna moralmente legítima para os ocupantes. E isso se expressa sobretudo por meio das formas linguísticas.

Como aponta Clifford (1998) sobre a experiência etnográfica, podemos transmutar o discurso da feitura antropológica, de seu modelo estandarte, da etnografia, para o que aqui percebemos:

Todo o uso do pronome eu pressupõe um você, e cada instancia do discurso é imediatamente ligada a uma situação específica, compartilhada, assim, não há nenhum significado discursivo sem interlocução e contexto (CLIFFORD, 1998)

Parecer menor, diminuir-se na linguagem, em suas poses, em seus feitos, para se manter “humilde” – coisinha, casinha, barraquinho – ou desacelerar o tempo da conquista – “devagarzinho” – são construções simbólicas em que o valor moral máximo para evitar o conflito é não ameaçar, não despertar inveja, não “passar por cima” do outro. O “inho/inha” da linguagem nas duas situações descritas – tanto da campanha eleitoral, quanto da ocupação – revela-se assim mais importante do que parece à primeira vista e pode garantir mesmo certa harmonia em situações potencialmente perigosas em que esteja em jogo a igualdade social na “comunidade”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGIER, Michel. *Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos*. São Paulo, Terceiro Nome, 2011.

BAILEY, F.G. *Gifts and poison. The politics of reputation*. Oxford: Basil Blackwell, 1971.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 3.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

CLIFFORD, James. “Sobre a autoridade etnográfica”. In: Gonçalves, José Reginaldo (org.). *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

CORTÁZAR, Julio,. *O jogo da amarelinha*. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999

DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. Sao Paulo: Perspectiva, 1976.

ELIAS, Norbert & SCOTSON, James. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

FASSIN, Didier. *A companion to moral anthropology*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2012.

FELDMAN- BIANCO, Bela.(Org.) *Antropologia das sociedade contemporâneas; métodos*. 2ed revisitada e ampliada. São Paulo, SP: UNESP, 2010.

FERREIRA, Aurélio Buarque de. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2.ed.rev.aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FOSTER, George. The Diadic Contract: a Model for the Social Structure of a Mexican Peasant Village. In: Potter et. al. (ed.). *Peasant society: a reader*. Boston: Little Brown, 1967, p. 213-230.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

\_\_\_\_\_. *Frame analysis: na essay on the organization of experience*. Cambridge: Harvard University Press, 1975.

KOWARICK, Lúcio. *A espoliação urbana*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

\_\_\_\_\_. *Escritos urbanos*. São Paulo: 34, 2000.

LAMBEK, Michael. *Ordinary ethics*. Anthropology, language and action. Fordham. University Press, New York, 2010.

MATTOS, Geísa. *A favor da comunidade: modos de viver a política no bairro*. Campinas: Editora Pontes, 2012

\_\_\_\_\_; ZEPPESELLA, Julien. Além das estruturas. Representações sociais e simbólicas de bairros populares. Diálogos França- Brasil. *Portal Mackenzie*. Disponível em: <http://dialogosbrasilfranca.wordpress.com/2012/04/05/para-baixar-os-artigos-apresentados/>.

PALMEIRA, Moacir; HEREDIA, Beatriz. Política Ambígua. Em: BIRMAN, Patrícia et. al. (Org.) *O mal à brasileira*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1997

VELSEN, J. Van. A análise situacional e o método de estudo de caso detalhado. In: FELDMAN- BIANCO, Bela.(Org.) *Antropologia das sociedades contemporâneas; métodos*. 2ed revisitada e ampliada. São Paulo, SP: UNESP, 2010.

VELHO, Otávio Guilherme. *O fenômeno urbano*. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

TELLES, Vera; CABANES, Robert. (Orgs.) *Nas tramas da cidade: trajetórias urbanas e seus territórios*. São Paulo: Humanitas, 2006.

\_\_\_\_\_. *A cidade nas fronteiras do legal e ilegal*. Belo Horizonte: Editora Fino Trato, 2010

WITTGENSTEIN, L. *Investigações filosóficas*. 3ª edição. São Paulo: Ed. Abril, 1984.